



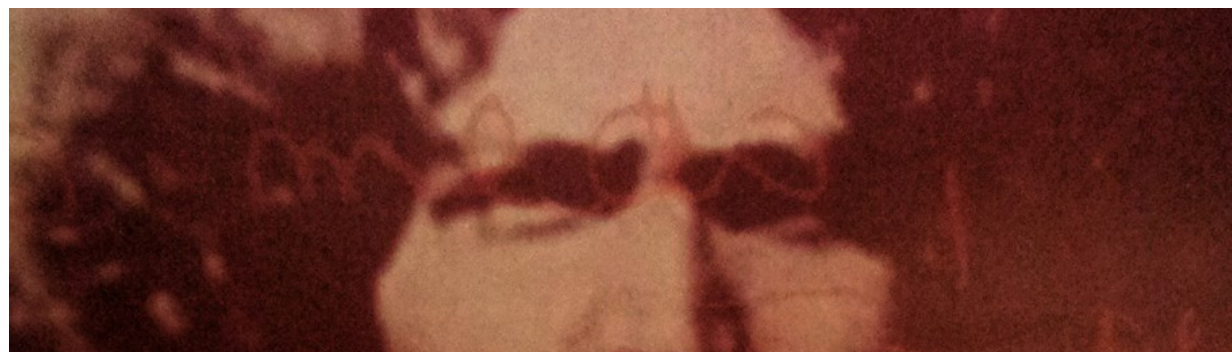
LUGAR DE TODA POBREZA

ARTIGO

**AMYLTON DE ALMEIDA
À CONTRAPELO: UMA
LEITURA BENJAMINIANA
DE LUGAR DE TODA
POBREZA (1983)**

Kelly Alves Andrade

Mestranda em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (PP-GHIS-UFES), bolsista Fapes e membra do Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (LETHIS/UFES).



Resumo

Este artigo discute o compromisso da produção cultural de Amylton de Almeida com a realidade dos oprimidos durante a metropolização de Vitória. Ele analisa o documentário *Lugar de Toda Pobreza*, gravado em parceria com Henrique Gobbi em 1983, aclamado nacional e internacionalmente ao tornar pública a rotina dos moradores que sobreviviam do lixo na região da Grande São Pedro — bairro de Vitória, capital do Espírito Santo —, formado majoritariamente por migrantes que chegaram à capital capixaba atraídos pelos chamados Grandes Projetos e as supostas benesses do Milagre Econômico ao longo do regime militar. Como um número expressivo daqueles migrantes não conseguiu oportunidade de emprego e moradia, ocuparam áreas periféricas e formaram um enorme conglomerado de famílias que viviam em situação de extrema miséria, que só conheceram amparo do poder público e ajuda da população após a exibição do documentário pela TV Gazeta. A partir de uma abordagem benjaminiana, busca-se interpretar *Lugar de Toda Pobreza* como um registro histórico à contrapelo das narrativas otimistas sobre o processo de formação da Grande Vitória e o impacto da Ditadura Militar no Espírito Santo. A Montagem Literária e o conceito de Origem (Ursprung) estão associados à análise do objeto para uma abordagem histórica à contrapelo que recusa a temporalidade linear da história oficial e seus discursos otimistas e busca no presente o resgate histórico dos excluídos.

Palavras-chave: Amylton de Almeida; Milagre Econômico; Walter Benjamin.

Abstract

This article discusses Amylton de Almeida's cultural production commitment to the reality of the oppressed during the metropolization of Vitória. It focuses on the documentary *Lugar de Toda Pobreza*, recorded in partnership with Henrique Gobbi in 1983, acclaimed nationally and internationally for bringing to light the daily lives of people who survived by scavenging in the Greater São Pedro region, a neighborhood in Vitória, Espírito Santo's capital. This region was predominantly inhabited by migrants who were attracted to the capital city by the so-called "Grand Projects" and the alleged benefits of the Economic Miracle during the Brazilian military regime. As a significant number of those migrants could not find employment or housing, they occupied peripheral areas and formed a large conglomerate of families living in extreme poverty, only receiving assistance from the government and the public after the documentary was broadcasted on TV Gazeta. Taking a Benjaminian approach, this article seeks to interpret *Lugar de Toda Pobreza* as a historical record that challenges the optimistic narratives about the formation process of Greater Vitória and the impact of the Military Dictatorship in Espírito Santo. The Literary Montage and the concept of Origin (Ursprung) are associated with the analysis of the object, providing a historical counter-narrative that rejects the linear temporality of official history and its optimistic discourses, instead seeking to reclaim the historical experiences of the excluded in the present.

Keywords: Amylton de Almeida; Brazilian Economic Miracle; Walter Benjamin.

"Dedicado à Dona Leda e as mulheres que catam em São Pedro"
- Amylton de Almeida, 1983.

A reportagem especial da TV Gazeta *Lugar de toda pobreza: o bairro São Pedro 35 anos depois do documentário* exibida em dezembro de 2018, resgatou no tempo presente as memórias dos antigos moradores do bairro na época em que era um local de descarte do lixo urbano durante a metropolização da Grande Vitória. Lenilda Barcelos, moradora do bairro há mais de 40 anos, emocionou-se com a cena e a lembrança em que, aos seus nove anos de idade, se divertia no balanço improvisado aos pés do barracão em que morava com seus pais e irmãos. Ao percorrer as ruas do bairro, relembrou um passado de dificuldades, dos irmãos se machucando com seringas e latas de spray no lixão da Grande São Pedro (SILVA, 2018). Mas desde a época do lançamento original de *Lugar de Toda Pobreza*, produzido por Amylton de Almeida e Henrique Gobbi em 1983, o território contou com intervenções do poder público, e após 35 anos que separam passado e presente, muitas mudanças ocorreram na infraestrutura e qualidade de vida dos cerca de 40 mil habitantes que hoje dividem-se no território urbanizado de 300 hectares que abrange os bairros Resistência, Conquista, Redenção, Nova Palestina, Santo André, São Pedro I, São Pedro II, São Pedro III, São Pedro IV, Ilha das Caieiras e Comdusa (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 19).

A rememoração daquele evento não permite o apagamento da dura realidade dos que não estiveram inseridos nas benesses da industrialização em Vitória. A miséria de milhares de famílias que sobreviviam naquele território foi gravada entre janeiro e junho de 1983 em um especial para a TV Gazeta. O documentário de 58 minutos mostrava a rotina das catadoras de materiais recicláveis e das famílias que faziam do lixo sua fonte de vida e alimentação naquele *Lugar de toda pobreza*, assim chamado por Dona Maria Leda dos Santos, na época, presidente da Associação

Cooperativa dos Catadores de Vitória Homero Mafra:

"Lugar de toda pobreza", para onde convergem todos aqueles considerados pobres, trazendo consigo misérias, falta de assistência, analfabetismo, desemprego e doenças, com o estigma de terem sido transformados em escória pela incompetência generalizada que domina hoje este país (GOBBI, 1983, p. 13).

Na obra que precedeu o documentário, do mesmo ano e data de lançamento, os autores explicam a linguagem influenciada pela estrutura do jornalismo, como forma de transmitir à sociedade tudo que viram nos meses de gravação, todo sentimento que implodiu nas cenas de denúncia da situação em que viviam os moradores da Grande São Pedro. A organização do livro seria um registro literário da memória documentada em vídeo, um compromisso para com as pessoas que dividiram suas histórias, muitos, migrantes que chegaram no território capixaba em busca de melhores condições de vida, o que não foi do alcance de todos na capital, como evidencia a nota explicativa do livro organizado por Amylton de Almeida e Henrique Gobbi:

Apenas os autores decidiram que, para transmitir a emoção do que viram e acompanharam, precisariam recorrer a estrutura do jornalismo que alia informação à impressão e ao humanismo. É também uma espécie de solidariedade àquelas pessoas que, vindas do Estado do Rio, do interior de Minas Gerais e principalmente de Teixeira de Freitas, no Estado da Bahia, procuram uma existência que as dignifique. Se não acontecer com eles, talvez aconteça com seus filhos: todos têm muitos descendentes. Eles percebem que estão fundando uma cidade (ALMEIDA; GOBBI, 1983, p. 02).

Este trecho da obra parece ligar-se à reportagem que percorreu São Pedro depois de 35 anos do documentário. No presente, os descendentes e remanescentes da época do antigo lixão, andam por

ruas asfaltadas, moram em casas de boa construção e acabamento, as crianças frequentam escolas com estrutura e ensino de qualidade, praças garantem o lazer dos moradores e o saneamento básico conta com ampla rede de esgoto, energia elétrica, postos de saúde e transporte público. Mas, em um passado recente, este território não acompanhou o crescimento urbano planejado, sendo produto da desigualdade social e do massivo processo de êxodo rural para os grandes centros brasileiros no período da ditadura militar.

Francisco Luna e Herbert Klein (2014, p. 66) argumentam que os governos militares promoveram o mais intenso processo de mobilidade social da história brasileira com a industrialização acelerada, responsável pela formação de uma elite industrial em contradição ao perfil da sociedade agrícola com baixo padrão educacional. Um grande fluxo migratório campo-cidade promoveu o crescimento desordenado nas regiões metropolitanas gerando alta demanda por habitação e saneamento básico que não foi suprida pela gestão militar, resultando em condições de vida e moradia precárias que ainda são um desafio para o poder público nas grandes cidades brasileiras (LUNA; KLEIN, 2014, p. 67).

A partir deste movimento, o grande número de migrantes que chegavam em Vitória no período da ditadura militar não representa um caso isolado, estão inseridos na macro história do *Brasil Grande*, momento em que a industrialização contou com o capital estrangeiro e acordos econômicos que aumentaram a expectativa de que em pouco tempo o país se tornaria uma potência econômica, o que atraiu milhares de indivíduos para as zonas de crescimento industrial (LUNA; KLEIN, 2014).

O aumento populacional e a formação das zonas periféricas de Vitória, começou, sobretudo, a partir dos anos 1960 com a decadência do modelo econômico cafeeiro e a erradicação dos cafezais improdutivos, causando aumento do número de indivíduos que saíam do interior em busca de trabalho na capital, muitas vezes atraídos por atravessadores

de mão-de-obra que faziam propagandas nas áreas rurais com promessas de emprego garantido na capital (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 25). Um grande contingente de trabalhadores abandonou o pouco que tinham no campo, e ao chegarem nas áreas urbanas não foram totalmente inseridos na lógica de produção proveniente das indústrias, estas, insuficientes para “incorporar toda a força de trabalho disponível” (SIQUEIRA, 2001, p. 129).

A implantação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) na década de 1960, a construção do Porto e da Companhia Siderúrgica de Tubarão, que aumentou a capacidade de produção da Companhia de Ferro e Aço de Vitória (Cofavi) e a ampliação das instalações da Aracruz Celulose (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 26) representaram um novo ciclo migratório interno e externo na região dos *Grandes Projetos de Impacto* na década de 1970, o que gerou um crescimento demográfico desigual na região metropolitana em relação ao interior do Estado (SIQUEIRA, 2001, p. 144).

Para Maria da Penha Smarzaró Siqueira (2001, p. 146) neste período, a região da Grande Vitória emergia como principal área de atração econômica no Espírito Santo, concentrando um elevado contingente da população capixaba que começava ocupar os limites territoriais da capital, a maioria migrantes de mão-de-obra não qualificada, perfil de suma importância para o desenvolvimento dos *Grandes Projetos* de acordo com a lógica capitalista, barateando a força de trabalho devido à alta demanda. Era na construção civil as maiores oportunidades, sobretudo, para obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão, que empregava temporariamente milhares de trabalhadores, que permaneciam na cidade em busca de novas contratações, e mantinham renda por meio de atividades informais (SIQUEIRA, 2001, p. 154).

É desta realidade que a primeira ocupação em 1977 dará início à formação da Grande São Pedro perto da Rodovia Serafim Derenzi no lado noroeste da capital. Grupos de famílias chegavam na região e logo demarcavam seu lote na lama do mangue, o que gerou muitos conflitos no território, que não ti-

nha policiamento. As inúmeras casas de palafitas na área do mangue eram chamadas de *anel de pobreza*, eram um reflexo da “falta de amparo do poder público aos trabalhadores atraídos para a cidade” (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 27).

Após problemas com o descarte do lixo no bairro Maria Ortiz e Carapina, em 1981, a área do mangue passou a receber o descarte irregular do lixo pela Prefeitura de Vitória na região de São Pedro III, o que atraiu um grande número de catadores que atuavam em outros locais de descarte. Naquela época, São Pedro contava com cerca de 15 mil moradores e uma média de 500 catadores responsáveis por separar o plástico, papel e vidro descartados no lixão que poderiam ser vendidos por 10 cruzeiros o quilo; uma das únicas perspectivas de sustento face à insuficiência de empregos no setor industrial. No *Lugar de toda pobreza*, a sobrevivência era concomitante às oportunidades que o lixo oferecia:

Quem não tem emprego, está catando lixo, tirando mensalmente algo em torno de um salário mínimo atual. Para esses, que ali estão, o lixo é um benefício, especialmente para quem encontra nele o suficiente para estar vivo. Esse benefício não está somente em torno da venda do papel e plástico catado, mas também em várias outras necessidades, que passam desde os utensílios ali encontrados, até a alimentação para a família. O lixo promove também um dos poucos espaços de lazer da comunidade que só tem um time de futebol e um clube (GOBBI, 1983, p. 16).

Faltavam escolas próximas àquela região para abrigar o grande número de crianças, a maior parte delas frequentavam um cômodo improvisado do centro comunitário que abrigava uma média de 30 alunos em quatro horários, embora cerca de 553 crianças não tivessem acesso algum à educação (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 63). A maioria delas ajudava na coleta e estavam em estado de vulnerabilidade alimentar severa, como o pequeno Luiz Carlos, que

aos dez anos de idade, mantinha contato diário com o descarte de lixo hospitalar em busca de frascos de soro para venda na Uniplast. Em uma das cenas do documentário, o menino mostra o pé sangrando pela perfuração de uma seringa, na mesma cena, ao seu lado, o operador de máquinas, Jadir José da Silva, desempregado e pai de seis filhos pequenos, fazia da coleta dos frascos de soro o sustento de sua família (GOBBI, 1983, p. 7).

Para matar a fome, os moradores aguardavam a chegada do “mercadinho” um caminhão que trazia o descarte de alimentos provenientes dos supermercados da capital. As crianças comemoravam quando encontravam frutas, iogurtes ou carnes estragadas. Em uma das cenas, uma criança enche uma sacola com alimentos visivelmente infestados de larvas. O descarte de comida estragada dos supermercados, naquele momento, para muitas famílias, era a única fonte de alimentação.

Na obra de título homônimo ao documentário uma cena cotidiana no lixão ganha contornos literários: “No céu azul urubus voam dentro da sua normalidade” (GOBBI, 1983, p. 5). O tom poético empregado em toda escrita do livro e a música clássica que compõe a trilha sonora do documentário, são recursos simbólicos escolhidos por Amylton de Almeida para transmitir contrastes negativos da cidade de Vitória: de um lado, bairros planejados surgiam dos aterros rodeados de prédios, lojas, bares, *shoppings* e calçadão. De outro, os moradores comemoravam a chegada do “mercadinho” ao final das tardes. Separados por uma pequena distância, foi somente através do documentário *Lugar de toda pobreza* (1983) que a classe média vitorienne tomou conhecimento da realidade nas áreas periféricas da cidade-presépio:

Quando o filme começou a ser exibido, a sociedade ficou chocada e iniciou-se uma romaria de doações. O prefeito de Vitória enviou para a região uma Kombi da Cruz Vermelha com alimentos e remédios. Mulheres da alta classe média recolhiam roupas usadas e promoviam chás beneficentes, cuja renda

comprava alimentos para a população de São Pedro (GURGEL; PESSALI, 2004, p. 39).

O chocante documentário de 1983 compunha o conjunto de sete produções audiovisuais realizadas por Amylton de Almeida para registrar a história e memória capixaba. Os protagonistas desses trabalhos eram o povo simples do cotidiano: pescadores, artesãos, migrantes, imigrantes, quilombolas, prostitutas e catadores. Perfis que obtinham seu lugar de fala pelas câmeras de vídeo e expunham suas opiniões, histórias de vida e desagradados, posições muitas vezes desconhecidas ou irrelevantes em suas realidades. Na década de 1980, Amylton de Almeida fez de seus documentários uma importante ferramenta de denúncia e registro histórico das camadas mais pobres da sociedade afetadas pelo desenvolvimento industrial pós-milagre econômico no Espírito Santo:

Amylton sempre foi cético quanto à contribuição social e à responsabilidade ambiental dos grandes projetos industriais implantados no Espírito Santo. Por isso, encontramos registros nos seus trabalhos da influência negativa desses projetos. Último quilombo aborda a invasão dos eucaliptais em São Mateus, expulsando famílias de agricultores ou acabando com a fauna das propriedades daqueles que resistiram às propostas de compra da terra. **Lugar de Toda Pobreza** é uma síntese das consequências geradas pelos grandes projetos industriais instalados na Grande Vitória, que ampliaram os bolsões de pobreza (GOBBI, 1996, p. 108).

Desta forma, seus documentários abordavam depoimentos de pessoas que viveram direta ou indiretamente a experiência da modernização no período da ditadura militar, mais intensas a partir da década de 1960. Esta *modernidade* inaugurou um conjunto de mudanças em todo território capixaba, como a ampliação das atividades portuárias, aterros, obras de urbanização e construção de parques industriais, impactando, inclusive, a narrativa *oficial* sobre

o Espírito Santo, que passou de atrasado e marginalizado, para desenvolvido e integrado, graças às expectativas de crescimento que seriam alcançadas pela via dos *Grandes Projetos* reverberando em um discurso triunfalista legitimado pelo poder político e econômico:

O discurso de superação do atraso emergiu associado ao projeto de industrialização efetivado nas décadas de 1960 e 1970 (...) o discurso político inaugurou um modo de dizer e interpretar o Espírito Santo a partir da definição de um novo status em seu desenvolvimento econômico e um novo lugar no cenário nacional. As expectativas de mudança em torno da industrialização a definiram como marco de mudança e orientaram a representação da superação do atraso no Espírito Santo (NASCIMENTO, 2020, p. 63).

Mas a execução do ambicioso projeto viria acompanhada de altos custos; financeiros e culturais, que revolveu a sociedade capixaba à toda ordem de mudanças, começando pela paisagem descaracterizada e a crescente poluição relacionada às atividades portuárias (REIS, 2014; BANCK, 2011). Muitas famílias de pescadores foram desalojadas nos processos de aterro e urbanização, comunidades indígenas sofreram com a exploração dos recursos naturais próximos às suas terras, e o aumento exponencial de migrantes em Vitória impactou de forma desordenada o crescimento urbano, levando à formação de favelas e à invasão do manguezal, fatores que dificultavam uma identificação com esta modernidade (BANCK, 2011, p. 335). Essas contradições mostravam uma versão diferente do discurso sobre o progresso sustentado pelo poder político e econômico, e ocupavam pouca ou nenhuma repercussão na mídia oficial, preocupada em reforçar uma visão positiva¹ sobre os

¹ Mais sobre isso, ver: SANTOS, Davi Elias Rangel. A Ditadura Militar no Espírito Santo: o consentimento por meio do jornal *A Gazeta* (1971-1975). São Paulo: Dialética: 2022.

projetos de industrialização no Espírito Santo.

O silenciamento de expressivas parcelas da sociedade afetadas de forma negativa pelo “progresso capixaba” encontraram voz ativa e expressão crítica nos documentários de Amylton de Almeida, que preferia “omitir sua palavra para dar voz aos que nunca a tiveram” (GOBBI, 1996, p. 107). Em *Lugar de toda pobreza* (1983), Amylton de Almeida optou por técnicas de vídeo que permitiam maior aproximação do espectador com a realidade retratada em documentários, e rompeu com o padrão apresentador/entrevistado, conferindo à dona Leda, mulher e catadora, a liderança que narra a situação dos desterrados na cidade de Vitória:

O ato de dar a condução a alguém daquela comunidade significa dar àquelas pessoas excluídas a possibilidade de poderem contar sobre sua realidade e sobre sua história – Dona Leda é constantemente enquadrada em *contra-plongée*, o que dá a ela ainda mais imponência e autoridade. Ao espectador, oferece a sensação de que não é alguém de fora que está falando sobre aquele lugar, mas sim quem vivencia. A impressão de estar ouvindo a realidade como ela é influencia diretamente na ideia que se construirá sobre São Pedro já desde o começo do documentário. Além de dona Leda, surgem outros moradores do bairro, que nos contam aos poucos sua história, como chegaram àquele lugar, suas opiniões e suas perspectivas para o futuro (SIMONETTI; ALVES, 2014, p. 112).

A impactante produção de 1983, foi pensada a partir da sugestão de Nelson Bonfante, primeiro diretor técnico da *TV Gazeta*, que por meio do relato de sua esposa ficou sabendo da situação dos moradores da Grande São Pedro no início da década de 1980 (COMES, 2016). O documentário vai além da pretensão de chocar a sociedade com a miséria, é também um importante registro histórico à *contrapelo* das narrativas triunfalistas da modernidade conduzida pelas práticas repressivas da ditadura no Espírito Santo,

garantidas pela censura que ocultava os impactos negativos da industrialização para comemorar a expectativa de um país que poderia se tornar uma grande potência nos *anos dourados* do governo Médici (PEREIRA; MARVILLA, 2014).

Ao dar voz aos oprimidos, Amylton de Almeida se aproxima da visão histórica de Walter Benjamin, filósofo judeu-alemão que vivenciou as mazelas do progresso científico no alvorecer do século XX, e dedicou grande parte de seus textos à crítica do historicismo, acusando-o de uma historiografia a favor dos vencedores, mascarada pela pretensão de objetividade na pesquisa. Esta historiografia burguesa seria produtora de uma história universal formada de acontecimentos que preenchem uma linha infinita no tempo histórico *homogêneo e vazio* (GAGNEBIN, 1993).

Como crítico de arte e cultura, Benjamin defende que a tarefa tanto do crítico como do historiador seria o desvio crítico da tradição para se aproximar da verdade do objeto pela *autorreflexão* do próprio presente, exercício que permite um distanciamento da historiografia positivista. Desta forma, o historiador que não passa pela autorreflexão em suas análises, se aproxima de uma historiografia incapaz de registrar a versão dos vencidos (GAGNEBIN, 1993, p. 56).

Em sua *VII tese sobre o conceito de história*, Benjamin argumenta que a empatia do historicista com os vencedores beneficia seus herdeiros e o cortejo triunfal dos seus despojos de cultura (BENJAMIN, 1985, p. 208). Estes *despojos* ostentados pelos vencedores, trata-se da cultura dominante produzida em uma dinâmica de exploração, cuja finalidade é validar a superioridade das classes dominantes, portanto, o “historiador materialista deve ter um olhar crítico quanto à estas manifestações da cultura para romper com o conformismo do historicismo cultural” (LÖWY, 2011, p. 23). Desta forma, em oposição ao “historicismo servil”, Walter Benjamin propõe na *VII Tese* o imperativo *escovar a história a contrapelo* para redimir o passado da história oficial que privilegia as narrativas do progresso (SCHLESENER, 2011).

Para Michel Löwy (2005, p. 73) a influência nietzschiana se faz presente neste imperativo que vai na mesma direção da reflexão de Nietzsche na obra *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1873), onde propõe “nadar contra as ondas da história” em oposição aos historiadores “que nadam e se afogam no rio do futuro”, e as reflexões de Nietzsche e Benjamin possuem semelhanças no sentido de recusa às narrativas do progresso. No caso do pensamento benjaminiano, a expressão convoca o historiador ao resgate dos esquecidos na escrita da história e o desvelar de sentidos ocultos e subversivos da herança cultural, como nos poemas de Charles Baudelaire ou nas obras de Kafka (LÖWY, 2005; SCHLESENER, 2011).

Neste sentido, o documentário *Lugar de Toda Pobreza* (1983) pode ser elencado como uma produção cultural à contrapelo, pois registra na história e memória capixabas, o ponto de vista dos excluídos durante a industrialização da Grande Vitória, e preserva versões que não compõem a memória positiva sobre os *Grandes Projetos*, remanescente nos discursos do poder dominante que contribuem para uma história oficial e saudosista da ditadura militar (DE ANGELO; FAGUNDES, 2014).

Assim como na afirmação de que a história narrada possui, no mínimo, duas versões “porque a política se constrói pelo conflito e não existe história sem política, cuja relação instaura a dialética entre cultura e barbárie” (SCHLESENER, 2011, p. 76) as transformações no território capixaba e a produção de narrativas e memórias sobre este processo não são homogêneas. Estão atravessadas por tensões no tempo e na história, e a versão otimista deste passado ligado à modernização em tempos da ditadura militar, ocupa posições privilegiadas na memória política do Espírito Santo². Desta forma, o documentário de Amylton de Almeida e Henrique Gobbi, é um

fragmento do passado, este, podendo ser acessado pelo historiador do presente por meio da *montagem literária*, método desenvolvido por Walter Benjamin em *Rua de mão única* (1993) e nas *Passagens*³ (2006):

Método desse trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surruipe coisas valiosas, nem me apropriei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2006, p. 502).

A *montagem literária* permite pensar a história à contrapelo, pois, como método expositivo, é “capaz de reunir de modo reflexivo fragmentos aparentemente desconexos da realidade exterior, dando-lhes um significado explosivo, reunindo imagens dos sonhos e da memória” (MACHADO, 2015, p. 132-137). Por meio da *montagem literária* é possível produzir imagens dialéticas que fundem passado e presente em uma nova temporalidade, e permitem a retomada crítica do passado “pois é dessa ação decisiva que surge a história real e funda-se a possibilidade de uma reescritura” (CASTRO, 2014, p. 62-63).

A partir do pensamento de Walter Benjamin, é possível associar o conceito de origem (*Ursprung*) ao método da montagem literária, pois ambos convergem no sentido de revelar versões de uma história não oficial no momento de ruptura da tradição para resgatar o passado recalcado, sendo possível acessar este passado *escovado a contrapelo*, por meio da análise de produções artísticas que carregam conteúdos históricos que podem ser reconhecidos de forma crítica pelo historiador no presente (CASTRO, 2014, p. 64-68).

³ “Walter Benjamin desenvolveu do final dos anos 1920 até a sua morte em 1940 uma obra incomensurável e que só foi publicada pela primeira vez em 1982. A obra *das passagens*, organizada por Rolf Tiedemann. É nela que Benjamin desenvolve de maneira unívoca e dialética sua crítica à ideia de progresso” (MACHADO, Carlos Eduardo Jordão, 2015, p. 131).

A origem (*Ursprung*) benjaminiana, possibilita ao historiador estabelecer uma nova relação com o passado para além da temporalidade linear e permite o resgate de versões históricas que não estiveram inseridas na historiografia oficial:

A noção de origem liga-se, portanto, a um modelo de historiografia não linear e totalmente desvinculado da “história dos vencedores”. Pelo contrário, a história visada é a dos fracassos, dos desastres e dos sofrimentos; enfim, a *facies hipocrática* de uma história “escovada a contrapelo” (CASTRO, 2014, p. 68).

A partir da análise teórica do pensamento de Walter Benjamin, Érica Gonçalves de Castro, argumenta que para resgatar versões de uma história não oficial, o historiador deve ser capaz de produzir a destruição de um tempo totalizante para restaurar promessas recalcadas e não realizadas no presente. Trata-se de recusar a causalidade histórica ao produzir uma dinâmica de tempo “repleto de agoras” (*Jetztzeit*) onde o passado ressurge no presente para a “escritura da história no próprio presente e para o presente”. Deste movimento o historiador capta o momento em que sua época entrou em contato com uma época anterior e o presente se atualiza pela força messiânica do *kairós* (CASTRO, 2014, p. 70).

Desta operação historiográfica benjaminiana, é possível pensar *Lugar de toda pobreza* (1983) como um registro do passado que permite o movimento da *Ursprung* pelo historiador que “salta” para fora do tempo linear e vai na contramão dos discursos oficiais de um dado período histórico, neste caso, das transformações na capital capixaba por meio da industrialização e urbanização proveniente dos *Grandes Projetos*, e resgata no presente das versões e experiências dos excluídos.

Os efeitos negativos da expansão industrial no Terceiro Mundo foram eternizados pela produção audiovisual de Amylton de Almeida e Henrique Gobbi, chegando até ao Vaticano. O papa João Paulo II, assistiu ao documentário e leu o livro traduzido

para o italiano *Da lama prometida à redenção*, escrito por Graça Andreatta, que narra as lutas vividas pelos moradores de São Pedro (SILVA, 2018). O impacto sobre o Santo Padre foi tamanho que, em outubro de 1991, em sua visita ao Brasil, fez questão de conhecer a região de São Pedro, celebrar uma missa no local e fazer uma doação de 100 mil dólares, usados para a construção da *Pastoral São Pedro*, que passou a dar suporte para crianças e jovens da comunidade (CURGEL; PESSALI, 2004, p. 29).

Esta ação mostra como registros de denúncia podem transformar e impactar muitas histórias, neste caso, de gerações inteiras que vivenciaram ações de melhorias na região, como o *Projeto São Pedro*, apresentado à ONU em 1996 como exemplo de combate à miséria e preservação do meio ambiente (CURGEL; PESSALI, 2004, p. 17). A força do documentário é lembrada pelos moradores no presente como um registro importante de um passado de lutas, mas não é o único, pois em muitos momentos, a resistência esteve presente na história e nas memórias do bairro:

Algumas vezes foi necessário enfrentar o Estado, representado pela polícia. Esses embates ficaram marcados com nomes de ruas ou becos: Rua da Libertação, da Esperança, da Igualdade, do Acordo, da Dificuldade, do Amor. Cada uma tem um significado e o povo sabe qual é (...) o beco 26 de Dezembro, em São Pedro IV, lembra o início da ocupação. O nome dos bairros Conquista e Resistência dispensam explicação, assim como a Rua da Luta e a escola Grito do Povo, cujo nome acabou não sendo aceito pelas autoridades da época (CURGEL; PESSALI, 2004, p. 103).

Passado e presente estão unidos pela memória de resistência desde a fundação de São Pedro. Em termos históricos, ter acesso aos fragmentos deste passado de lutas, permite uma aproximação da filosofia da história benjaminiana, onde a restauração do passado também promove transformações no presente, e o passado também é transformado e reescrito (CASTRO, 2014, p.70).

² Mais sobre isso, ver: NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica da superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo*. Serra: Editora Milfontes, 2018.

Neste sentido, o compromisso da produção crítica de Amylton de Almeida contribui para acessar este passado de denúncias ao descaso com os moradores de São Pedro. É um registro que não apaga da memória capixaba os efeitos negativos da modernização conduzida pelas práticas repressivas e conservadoras dos militares.

Como documentarista, o que movia Amylton de Almeida eram estes registros do cotidiano, situações e histórias que encontravam identificação e materialidade em suas produções, com forte compromisso de denúncia e justiça social, característica que marcou sua personalidade artística, sendo lembrado e respeitado pelos protagonistas de seu registro histórico a contrapelo:

Quem participou da produção por trás das câmeras, se emocionou ao voltar ao bairro. “A realidade da denúncia foi tão bem feita que o resultado está aqui hoje. Hoje eu encontrei com gente que trabalhou no lixão, conversei com os meninos e é gratificante. Mas a pessoa mais importante desse filme, além dos moradores de São Pedro, foi Amylton de Almeida. Sem ele, nada seria realizado”, disse o cinegrafista José Lúcio Campos (CAMPOS, 2018).

Trata-se de uma produção audiovisual que possui a força messiânica de Walter Benjamin, que é atualizada no presente para ilustrar os efeitos da desigualdade social nas cidades que passaram pela industrialização acelerada, conectando-a com o passado. Os depoimentos dos moradores da Grande São Pedro, bem como a rotina de trabalho e sobrevivência por meio do lixo, preservam um passado-presente atravessado por tensões sociais que ainda são visíveis no cotidiano brasileiro. No século XXI, muitos espaços da Grande Vitória seguem degradados e abandonados pelo poder público, necessitando de direitos, qualidade de vida, mas também voz. Eles ainda são o reflexo de problemas estruturais da história brasileira e um grande desafio de gestão política e econômica.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Amylton; GOBBI, Henrique. Nota explicativa. In: ALMEIDA, Amylton de; GOBBI, Henrique. *Lugar de toda pobreza*. Vitória: Unigraf, 1983. p. 2.
- BANCK, Geert Arent. *Dilemas e símbolos*: Estudos sobre a cultura política do Espírito Santo. Vitória: Edufes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Minas Gerais: UFMG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: *Obras escolhidas de Walter Benjamin v.II*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAMPOS, José Lúcio. Depoimento para o G1 ES. In: De lixão a bairro: moradoras de São Pedro contam mudanças na comunidade e nas próprias vidas. G1 Espírito Santo, Vitória, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2018/12/10/de-lixão-a-bairro-moradoras-de-sao-pedro-contam-mudancas-na-comunidade-e-nas-proprias-vidas.ghtml>. Acesso em: 15/06/2023.
- CASTRO, Érica Gonçalves de. *A aprendizagem da crítica*: literatura e história em Walter Benjamin e Antônio Candido. São Paulo: Fapesp, 2014.
- DE ANGELO, Vitor Amorim; FAGUNDES, Pedro Ernesto. Grandes projetos, grandes esquecimentos: o Espírito Santo entre a modernização conservadora e a repressão política. In: ERNESTO, Pedro et al. *O estado do Espírito Santo e a ditadura (1964-1985)*. Vitória: GM Editora, 2014. p. 147.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GOBBI, Henrique. Gênese do lixão. In: ALMEIDA, Amylton de; GOBBI, Henrique. *Lugar de toda pobreza*. Vitória: Unigraf, 1983. p. 13-16.
- GOBBI, Henrique. O olho e a palavra. In: COMES, Deny et al. *A múltipla presença*: vida e obra de Amylton de Almeida. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.
- GOBBI, Henrique. São Pedro: seus números e seus inúmeros problemas. In: ALMEIDA, Amylton de; GOBBI, Henrique. *Lugar de toda pobreza*. Vitória: Unigraf, 1983. p. 13-16.
- COMES, Rose Mary Louzada. “Amylton de Almeida singular e plural: luz, câmera, ação...”. *Revista Gama*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 122-129, jan. 2016.
- GURGEL, Antonio de Pádua; PESSALI, Hesio. *São Pedro, Vitória*: um exemplo para o mundo. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2004.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’, São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Hebert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). In: *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 66-68.
- MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Walter Benjamin: “Mon-

tagem literária”, crítica à ideia do progresso, história e tempo messiânico. In: Machado, Carlos Eduardo Jordão; Rubens Machado Jr; Miguel Vedda. *Walter Benjamin*: experiência histórica e imagens dialéticas. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 132-137.

NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica da superação do atraso*: um desafio historiográfico do Espírito Santo. Serra: Editora Milfontes, 2018.

PEREIRA, Valter Pires et al. *Ditaduras não são eternas*: memórias da resistência ao golpe de 1964 no Espírito Santo. Vitória: Flor&Cultura, 2005.

REIS, Daniel Aarão. A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 11.

SANTOS, Davi Elias Rangel. A Ditadura Militar no Espírito Santo: o consentimento por meio do jornal *A Gazeta* (1971-1975). São Paulo: Dialética, 2022.

SCHLESENER, Anita Helena. *Os tempos da história*: leituras de Walter Benjamin. Brasília: Liber Livro, 2011.

SILVA, Sullivan. Lugar de toda pobreza: o bairro São Pedro 35 anos depois do documentário. *A Gazeta*, Vitória, 08 dez. 2018. Reportagem especial. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/lugar-de-toda-pobreza-o-bairro-sao-pedro-35-anos-depois-de-documentario-0919>. Acesso em: 15/06/2023.

SIMONETTI, Maria Grijó; ALVES, Gabriela Santos. Subjetividades da dor: *Lugar de toda pobreza*, de Amylton de Almeida. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 123-138, jun./dez. 2014.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzarzo. *Industrialização e empobrecimento urbano*: o caso da Grande Vitória, 1950/1980. Vitória: EDUFES, 2001.

